

XVII

NO LIMIAR DAS CAVERNAS

Reunidos agora, Calderaro e eu, à comissão de trabalho socorrista que operaria nas cavernas de sofrimento, fui surpreendido pela expressão da Irmã Cipriana, que chefiava as atividades dessa natureza.

Constituía-se a turma de reduzido número de companheiros: sete ao todo.

Avistando-me ao lado do Assistente, perguntou Cipriana com singeleza, feitas as saudações usuais:

— Pretende o irmão André seguir em nossa companhia?

O abnegado amigo respondeu que o próprio Instrutor Eusébio lembrara a conveniência de minha visita aos abismos purgatórios; esclareceu que eu me achava interessado em obter informações da vida nas esferas inferiores, para os relatar aos companheiros encarnados, auxiliando-os na preparação necessária à ciência de bem viver.

A diretora ouviu, bondosa, e objetou:

— Sim, a sugestão de Eusébio é valiosa, em se tratando de observações preliminares no Baixo Umbral. Como responsável, porém, pelos serviços diretos da expedição, não posso admiti-lo, por enquanto, em todas as particularidades.

Fixou em mim o olhar lúcido e meigo, como a lastimar a impossibilidade, e acrescentou:

— Nosso estimado André não tem o curso de assistência aos sofredores nas sombras espessas.

Afagou-me de leve, com a destra carinhosa, e acrescentou:

— Se nos é indispensável obter difíceis realizações preparatórias, a fim de colhermos o bene-

ficio das Grandes Luzes, é-nos imprescindível a iniciação, para ministrarmos esse mesmo benefício nas "grandes trevas".

Ante o meu indisfarçável desapontamento, a veneranda benfeitora continuou:

— No entanto, convenhamos que o nosso irmão não se encontra, junto de nós, sem problemas substanciais a resolver. Cada situação a que somos conduzidos é portadora de ocultos ensinamentos para nosso bem. Os designios superiores jamais nos propõem questões de que não necessitemos, na arena das circunstâncias. Se Eusébio foi levado a sugerir esta oportunidade, é que André Luiz tem nestes sítios urgente serviço a prestar. Considerando, porém, as responsabilidades que me cabem, não posso autorizar que nos siga em todos os passos; contudo, convido o Irmão Calderaro a permanecer, em companhia do prestativo aprendiz, no limiar das cavernas, sem descerem conosco; mesmo aí, estudioso que é, ele encontrará inesgotável material de observação, sem necessidade de enfrentar situações embarrancosas, para as quais ainda não se prestou convenientemente...

Em face da solução apresentada, alegria geral voltou a confortar-nos. Agradeci, contente. Calderaro também se manifestou reconhecido. E, no júbilo dos trabalhadores que se regozijam com o ensejo de incessantemente aprender para o bem, seguimos na direção de zona medonhamente sombria.

Ah! já divisara tremendo precipício, onde entidades culposas se interpelavam umas às outras em deploráveis atitudes; vira chover faiscas chamejantes do firmamento sobre os vales da revolta; descobriu inúmeras entidades senhoreadas por estranhas alucinações em câmaras retificadoras; mas ali...

Estaríamos acaso alcançando a "selva escura", a que se referia Alighieri, no poema imortal?

Laceravam-me o coração as vozes lamentosas dispersas a se evolarem para o céu de fumo! Não,

não eram lamentações apenas; à proporção que nos adiantávamos, descendo, modificava-se a gritaria; ouvíamos também gargalhadas, imprecações.

Estacámos em enorme planície pantanosa, onde numerosos grupos de entidades humanas desencarnadas se perdiam de vista, em assombrosa desordem, à maneira de milhares de loucos, separados uns dos outros, ou aos magotes, segundo a espécie de desequilíbrio que lhes era peculiar.

Não me era possível calcular a extensão da várzea imensa, e ainda que houvesse marcos topográficos, para tal apreciação, o nevoeiro era demasiado denso para que se pudesse computar distâncias.

Percorremos alguns quilômetros em plano horizontal, e, quando o terreno se inclinou, de novo, abrindo outras perspectivas abismais, Irmã Cipriana e os colegas prazenteiramente se despediram de nós, deixando-nos, ao Assistente e a mim, com o aviso de que voltariam a buscar-nos dentro de seis horas.

Abraçando-me, a diretora disse, gentil:

— Desejo-te, meu amigo, feliz êxito nos estudos. Certo, ao voltarmos, receberemos tuas confortadoras impressões.

Sorri, encantado, a tão generosa demonstração de apreço.

Logo após, Calderaro e eu nos achámos a sós na atra vastidão povoada de habitantes estranhos.

As conversações em torno eram inúmeras e complexas. Pareceu-me que aquele "povo desencarnado" não se dava conta da própria situação, pelo que me foi possível ajuizar de início.

Enquanto densas turbas de almas torturadas se debatiam em substância viscosa, no solo, onde andávamos, assembleias de Espíritos dementes exameavam não longe, em intermináveis contendas por interesses mesquinhos.

A paisagem era francamente impressionante pelos característicos infernais que nos circundavam.

Notando a displicênciade muitos daqueles irmãos infelizes, não sopitei as lucubrações que me surgiam.

Os grupos de infortunados agiam, ali, desconhecendo os padecimentos uns dos outros? Certos grupos volitavam a pequena altura, como bandos de corvos negrejantes, mais escuros que a própria sombra a envolver-nos, ao passo que vastos cardumes de desventurados jaziam chumbados ao solo, quais aves desditosas, de asas partidas... Como explicar tudo isso?

Iniciei meu interrogatório, dirigindo-me ao instrutor:

— Será que estes míseros precitos nos vêem?

— Alguns sim, mas não nos ligam maior importância: estão muito preocupados consigo mesmos; abrigaram no coração sentimentos rasteiros, e tardarão em libertá-lo.

— Toda esta gente permanece, porém, desamparada, entregue a si mesma?

— Não — respondeu Calderaro, paciente —; funcionam, por aqui, inúmeros postos de socorro e variadas escolas, em que muita gente pratica a abnegação. Os padecentes e as personalidades torturadas são atendidas, de acordo com as possibilidades de aproveitamento que demonstram.

Estampou complacente expressão no rosto e considerou:

— As regiões inferiores jamais estarão sem enfermeiros e sem mestres, porque uma das maiores alegrias dos céus é a de esvaziar os infernos.

Vendo bandos de seres a se locomoverem no ar, quase a nos rentear, recordei que em nossa colônia as faculdades de volição não eram comumente exercidas para não melindrarmos aqueles que as não possuíam desenvolvidas; mas... e ali? Criaturas de baixas condições se moviam nos ares, embora a poucos metros do solo.

Calderaro, porém, exclamou:

— Não te surpreendas. A volição depende, fundamentalmente, da força mental armazenada

pela inteligência; importa, contudo, considerar que os vôos altíssimos da alma só se fazem possíveis quando à intelectualidade elevada se alia o amor sublime. Há Espíritos perversos com vigorosa capacidade volitiva, apesar de circunscritos a baixas incursões. São donos de imenso poder de raciocínio e manejam certas forças da Natureza, mas sem característicos de sublimação no sentimento, o que lhes impede grandes ascenções. No que se refere, entretanto, às entidades admitidas à nossa colônia espiritual, ainda em grande número incapacitadas de usar tal vantagem, o fenômeno é natural. É mais fácil recolher criaturas de maiores cabedais de amor com reduzida inteligência, e convivermos com elas, no processo evolucionário comum, do que abrigarmos pessoas sumamente intelectuais sem amor aos semelhantes; com estas últimas, a vida em comum, no sentido construtivo, é quase impraticável. Neste capítulo da volição, portanto, impõe observar os ascendentes mentais, levando em conta, com a própria Natureza, que os corvos voam baixo, procurando detritos, enquanto as andorinhas se libram alto, buscando a primavera.

Feito o reparo, perguntei, lembrando-me das injunções terrenas:

— Mas... e as necessidades de subsistência?
O instrutor não se fez rogado e informou:

— Nada lhes falta quanto às exigências essenciais de socorro e de manutenção, como ocorre num nosocomio da esfera carnal.

O Assistente fez breve pausa e prosseguiu:

— Referindo-nos ao manicômio, esclareço agora que minha intenção, ao visitar um hospício em tua companhia, foi justamente o de preparar-te para a excursão que ora efetuamos. Temos aqui, nestas assembleias de incompreensão e dor, infindas fileiras de loucos que voluntariamente se arredaram das realidades da vida. Fixaram a mente nas zonas mais baixas do ser, e, olvidando o sagrado

patrimônio da razão, cometem faltas graves, constrainto pesados débitos.

Já viste, em nossa organização espiritual de vida coletiva, irmãos sofredores convenientemente amparados; alguns ainda sofrem estranhas perturbações alucinatórias, outros são guardados à maneira de múmias perispiríticas em letargia profunda, aguardando-se-lhes o despertar; outros povoados vastas enfermarias para se reerguerem espiritualmente pouco a pouco... Aqui, no entanto, se congregam verdadeiras tribos de criminosos e delinqüentes, atraídos uns aos outros, consoante a natureza de faltas que os identificam. Muitos são inteligentes e, intelectualmente falando, esclarecidos, mas, sem réstea de amor que lhes exalte o coração, erram de obstáculo a obstáculo, de pesadelo a pesadelo... O choque da desencarnação para eles, ainda impermeáveis ao auxílio santificante, pela dureza que lhes assinala os sentimentos, parece galvanizá-los na posição mental em que se encontravam no momento do trânsito entre as duas esferas, e, dessa forma, não é fácil de logo arrancá-los do desequilíbrio a que imprevidentes se precipitaram. Retardam-se, às vezes, anos a fio, obstinando-se nos erros a que se habituaram, e, vigorando impulsos inferiores pela incessante permuta de energias uns com os outros, passam, em geral, a viver, não só a perturbação própria, mas também o desequilíbrio dos demais companheiros de infartúio.

Ante o pandemônio que observávamos, o orientador continuou:

— O Érebo da concepção antiga, a crepitar em eternas chamas de vingança divina, é perigosa ilusão; entretanto, os lugares purgatórios dos desejos e das ações criminosas, aguardando as almas endoçadas pelos desvarios, constituem realidades lógicas, nas zonas espirituais do mundo. Aqui, os avarentos, os homicidas, os cúpidos e os viciados de todos os matizes se agregam em deplorável situa-

ção de cegueira íntima. Formam cordões compactos, inclinando-se mais e mais para os despenhadeiros. Cada qual possui romance horrível, de angustiosos lances. Prisioneiros de si mesmos, cerram o entendimento às revelações da vida e restringem os horizontes mentais, movimentando-se em seu próprio interior, em ação exclusiva, nos impulsos primários, a cultivar o pretérito que deveriam expungir. Em melhorando, são assistidos por ativas e abnegadas congregações de socorro que aqui funcionam. Autoridades mais graduadas de nossa esfera, atendendo a imperativos superiores, improvisam tribunais com funções educativas, cujas sentenças, resumindo amor e sabedoria, culminam sempre em determinações de trabalho regenerador, através da reencarnação na Crosta Terrestre, ou de tarefas laboriosas no seio da Natureza, quando há suficiente compreensão e arrependimento nos interessados que feriram a Lei, ofendendo a si mesmos.

Deste vastíssimo arsenal de alienação da mente, ensombrada de culpas, sai o maior coeficiente das reencarnações dolorosas que povoam os círculos carnais. Daqui, como de outras zonas análogas, seguem para o campo físico, mais denso, milhões de irmãos em provas ríspidas, para que se alijem dos débitos e rearmonizem o íntimo perturbado. Poucos conseguem valer-se da oportunidade terrena, no sentido de restaurar as próprias energias. E' sempre fácil fugir ao caminho reto; muito difícil, porém, o retorno...

Nesse instante aproximou-se de nós enorme e bulhenta colmeia de sofredores. Tratava-se de tenroso agrupamento de irmãos positivamente loucos. Falavam a esmo, comentando homicídios; remoravam com palavras cruéis cenas indescritíveis de dor e de perversidade.

Nenhum deles atinou com a nossa presença.

Calderaro, muito sereno, conhecendo-me a curiosidade inveterada, informou:

— Estes infelizes permanecem jungidos uns

aos outros em obediência a afinidades quase perfeitas, e são contidos apenas pelas leis vibratórias que os regem. Se quiseres, porém, entrar em relação com a história de alguns deles, sonda a mente individual do tipo que te requeira maior atenção.

Aproveitando um momento em que lhes amainara a rixa, aproximei-me de infeliz irmão, que impressionava pela *facies* macilenta.

Sintonizei-me na onda mental que ele oferecia, mas o quadro que vi não me permitiu longa perquirição.

Notei-lhe o motivo que culminara no desvario: assassinara a esposa em pavorosas circunstâncias. Contudo, o mísero não transpirava arrependimento; acariciava o desejo de rever a vítima para supliciá-la, quantas vezes lhe fosse possível.

Que tragédia se ocultava, ali, naquelas tormentosas reminiscências?

Atônito, ergui os olhos para o Assistente, em muda interrogação, mas, renteando-nos a fronte, levitava-se pesado grupo de seres monstruosos, fazendo ensurdecedor ruído, e logo esqueci o uxoricida que me prendera a atenção. Calderaro, percebendo-me a perplexidade, explicou:

— Este bando de espíritos miseráveis, que se movimentam como lhes é possível, é constituído de antigos negociantes terrenos, cujo exclusivo anseio foi amontoar dinheiro para satisfazer a própria cupidez, sem beneficiar a ninguém. O ouro, que transitóriamente lhes pertencia, jamais serviu para semear a gratidão num só companheiro de jornada humana. Famintos de fortuna fácil, inventaram mil recursos de monopolizar os lucros grandes e pequenos, em nada lhes interessando a paz do próximo. Foram homens de pensamento ágil, sabiam voar mentalmente a longas distâncias, garantindo êxito absoluto às empresas materiais que levavam a termo com finalidade exclusivamente egoística. Não lhes incomodava o sofrimento dos vizinhos, ignoravam as dificuldades alheias, despreocupavam-

-se do valor do tempo em relação ao aprimoramento da alma. Queriam únicamente acumular vantagens financeiras, e nada mais. Divorciados da caridade, da compreensão e da luz divina, criaram para si mesmos o mito frio e rígido do ouro, fundindo com ele a mente vigorosa e o tacanho coração... Escravizados, agora, à ideia fixa de ganhar sempre, voam pesadamente aqui e acolá, dementados e confundidos, procurando monopólios e lucros que não mais encontrarão.

Condoí-me. Quis deter alguns, confabular com eles fraternalmente, de modo a esclarecê-los; no entanto, o instrutor paralisou-me os braços, murmurando:

— Que fazes? seria inútil. Impossível é reajustar, num momento, apenas com palavras, tantas mentes em desequilíbrio cruel.

E, impulsionando-me para a frente, concluiu:

— Vamos: Consumirias muitas semanas para conhecer a paisagem de dor que se nos estende à frente, e dispomos apenas de algumas horas.

XVIII

VELHA AFEIÇÃO

Não havíamos atravessado grande distância, quando curiosa assembleia de velhinhos se postou ao nosso lado.

Mostravam todos carantonhas de aspecto lamentável. Esfarrapados, esqueléticos, traziam às mãos cheias de substância lodosa que levavam de quando em quando ao peito, ansiosos, aflitos. Ao menor toque de vento, atracavam-se aos fragmentos de lama, colocando-os de encontro ao coração, demonstrando infinito receio de perdê-los. Entreolhavam-se apavorados, como se temessesem desastre próximo. Cochichavam entre si, maliciosos e desconfiados. Às vezes, faziam menção de correr, mas retinham-se no mesmo lugar, entre o medo e a suspeita.

Um deles observou em voz rouquenha:

— Precisamos de alguma saída. Não podemos com delongas. E nossos negócios? nossas casas? Incalculável é a riqueza que descobrimos...

E indicava com ufania os punhados de lodo a escorregar-lhe das mãos aduncas.

— Mas... — prosseguia, pensativo — todo este ouro, que temos conosco, permanece à mercê de ladrões, nesta miserável charneca. Imprescindível é ganharmos o caminho de volta. Isto aqui assombraria a qualquer.

Escutando a singular personagem, dirigi interrogativo olhar a Calderaro, que me esclareceu, atencioso:

— São usurários desencarnados há muitos anos. Desceram a tão profundo grau de apego à fortuna material transitória, que se tornaram inep-